ÁREA TEMÁTICA:

( ) COMUNICAÇÃO
(X) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
( ) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
( ) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

ESPACIALIDADES DAS INTERAÇÕES SOCIAIS EM REDE NO EVENTO "FESTA DO PADROEIRO BOM JESUS" NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SANTA CRUZ/PONTA GROSSA-PR

Tanize Tomasi Alves[1]
Cicilian Luiza Löwen Sahr (Orientadora)[2]

RESUMO – Esta pesquisa tem por objetivo apreender a espacialidade das redes sociais na Comunidade Quilombola de Santa Cruz tomando por base o evento de interação social Festa do Padroeiro Nosso Senhor Bom Jesus. A comunidade está localizada no distrito de Guaragi, área rural do município de Ponta Grossa, na margem direita da PR 151 sentido Ponta Grossa-Palmeira, mais especificamente no Km 15. Trata-se de uma comunidade relativamente pequena, constituída de 14 famílias que juntas vivenciam práticas tradicionais como a Festa do seu Padroeiro, realizada todos os anos no mês de agosto. Para isto adotou-se metodologias e técnicas pautadas nos fundamentos da "Descrição densa" de Clifford Geertz e na "Hermenêutica objetiva" de Ulrich Övermann. Estas foram entrelaçadas aos conceitos de espaço/espacialidade (DARDEL, 2011) e interação social (GOFFMAN, 1985). Deste modo, tornou-se indispensável a identificação da origem das redes, apontando os atores, papéis e atividades desenvolvidas durante o evento de interação social, analisando o ambiente/cenário onde foram protagonizadas as interações socioespaciais na comunidade. O evento ocorreu em quatro distintos cenários: a Capela, o Quiosque de bebidas, o Coreto de música e o Pavilhão de festas. Estes abrigaram variadas práticas/atividades que foram desenvolvidas por uma série de atores, os quais desempenharam diferentes papéis. A investigação deste evento permitiu a identificação de 'nós executantes' 'internos e externos' que assumiram papéis e desenvolveram atividades/práticas durante o mesmo, estes ligaram-se na maioria dos casos por laços de vizinhança, amizade e parentesco. No entanto, pode-se perceber ainda a existência de 'nós participantes' aqueles que apenas estavam no evento para usufruir do mesmo, eles representaram a maioria de 'nós', cuja participação se deu em todos os cenários durante todo o evento.

PALAVRAS-CHAVE – Redes sociais; Interação social; Comunidade quilombola.

[1] Bacharel em Geografia e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Mestrado em Gestão do Território - UEPG, Participante do Projeto de Extensão "Faxinalenses e Quilombolas: apoio e assessoria ao reconhecimento de populações e territórios tradicionais no Paraná", mauricioetanize@hotmail.com.

[2] Doutora em Geografia pela Universidade de Tübingen (Alemanha), Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG e da UFPR, Coordenadora do Projeto de Extensão "Faxinalenses e Quilombolas: apoio e assessoria ao reconhecimento de populações e territórios tradicionais no Paraná", cicilian@uol.com.br.

Introdução

As comunidades remanescentes de quilombos vivenciam na atualidade um momento de projeção nacional, seja pela via política ou acadêmica. Cada vez mais os quilombolas e suas comunidades aparecem como sujeitos e/ou objetos de pesquisas governamentais e/ou acadêmicas. A estes são conferidas novas formas de conceituações, passando de isolados negros fugitivos a comunidades auto-identificadas e reconhecidas como quilombolas. O processo atual de ressemantização conceitual surge principalmente do envolvimento de pesquisadores com a regularização fundiária destas comunidades, estando fundamentado, segundo Arruti (2006), em torno de três paradigmas: remanescência; uso comum da terra e etnicidade.

Estes paradigmas representam pontos de fuga, uma estratégia de não capturar rótulos em um rol fixo de características, de forma a não referenciar os quilombos a um determinado estereótipo naturalista (raça) ou historicista (quilombos históricos), de como deveriam ser, o que excluiria a maioria dos casos concretos. Desta forma, se enfatiza as próprias comunidades e suas organizações sociais, destacando suas atuações políticas, suas constituições, sejam elas urbanas (quilombos urbanos) ou rurais, e a adesão a uma identidade étnica, que não está ligada à questão racial (cor da pele), e sim, a uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados. (ABA, 1994). Permite-se ao grupo e ao indivíduo, portanto, a autodefinição e afirmação indentitária quilombola.

Essa forma conceitual de abordar os quilombos possibilita a análise do fenômeno a partir de sua manifestação local, definindo-os a partir dos dados da experiência, numa definição empírica e descritiva implícita, não enumerando elementos característicos para defini-lo. Logo, é esta definição fluída a adotada para a construção das reflexões aqui apresentadas.

Objetivos

O objetivo desta comunicação é demonstrar a apreensão da espacialidade das redes sociais na Comunidade Quilombola de Santa Cruz tomando por base o evento de interação social Festa do Padroeiro Nosso Senhor Bom Jesus. Deste modo, tornou-se também indispensável a identificação da origem das redes, apontando os atores, papéis e atividades desenvolvidas durante o evento de interação social, analisando o ambiente/cenário onde foram protagonizadas as interações socioespaciais na comunidade.

Metodologia

A metodologia empregada centrou-se nos fundamentos da ‘Descrição densa’ de Clifford Geertz e na ‘Hermenêutica objetiva’ de Ulrich Övermann. Para Geertz (2008) a descrição etnográfica se apresenta sobre quatro características: a) ela é interpretativa; b) interpreta o fluxo do discurso social; c) a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis; d) e ela é microscópica (estudos localizados). Já a ‘Hermenêutica objetiva’ fundamenta-se em uma metodologia da pesquisa social qualitativa, sendo um dos métodos de investigação sociológica mais utilizados em processos de reconstrução lógica de acontecimentos sociais, pois trata-se de “(...) uma proposta metodológica de coleta e análise de dados empíricos, desenvolvida e fundamentada na prática e não em categorias teóricas previamente elaboradas, cujo objetivo é a reconstrução do meio social pesquisado”. (WELLER, 2007, p. 8).

A concepção de Dardel (2011) em relação ao conceito de espaço se entrelaça ao seu conceito fundamental, a ‘geograficidade’, que expressa a própria essência geográfica do ‘ser-e-estar-no-mundo’, ou seja, a própria existência humana em sua relação orgânica com a Terra. Goffman (2011) complementa essa abordagem, destacando que a ‘situação’ é “(...) qualquer ambiente de possibilidades de monitoração mútua que dure pelo tempo em que dois ou mais indivíduos se encontrem na presença física imediata uns dos outros, e se estende por todo o território em que tal monitoração mútua é possível”. (p. 159).

Neste contexto, tem-se que a experienciação do espaço segundo Dardel (2011) se dá pela vivência humana a partir das relações sociais que se efetivam de acordo com Goffman (2011) por um mundo regido por encontros/eventos de interação social que envolvem as pessoas durante uma situação social. Dessa forma, a informação a respeito do papel assumido pelo ator servirá para definir o conhecimento antecipado aos outros indivíduos/atores presentes do que dele se pode esperar.

Pensando na investigação da organização em rede que liga a Comunidade Quilombola de

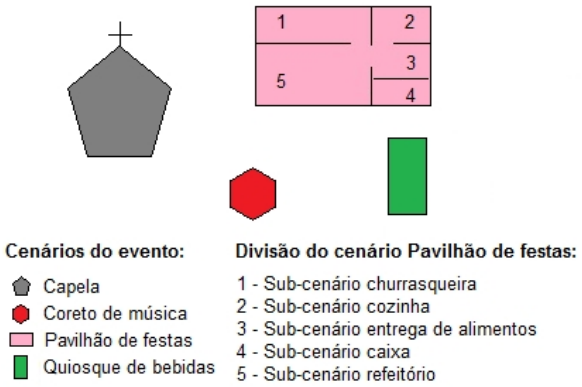
Santa Cruz a outras redes sociais é que destaca-se a ‘interação social’ amplamente discutida por Goffman (1985) como fonte para capturar tal realidade. Visto que o processo interacional se efetiva nesta pesquisa por meio das conexões em ‘nó’ das redes sociais ligadas por laços de parentesco, amizade e vizinhança. Estas relações de consanguinidade/afinidade ou vizinhança são considerados um dos mais seguros laços de relacionamento, pois se constituem em interações com certa continuidade e estruturação servindo de apoio para a manutenção de relações entre diversos atores, em diferentes atividades/práticas sociais, nos mais variados cenários/ambientes. Sendo, portanto, uma fonte fidedigna para expressar a realidade existencial de tal comunidade.

Em vista disso, a prática da etnografia da descrição densa, aliada à hermenêutica objetiva, se deu pelo estabelecimento de pesquisa extensionista visando relações dialógicas entre quilombolas e pesquisadores, auxiliadas por técnicas de pesquisa, como a seleção de informantes, a realização de entrevistas, o acompanhamento de práticas/atividades, a transcrição de textos, o levantamento de genealogias e o mapeamento de campo. A sistematização em diário de campo, bem como, a captura de imagens visuais e audiovisuais, constituiu uma série de materiais qualitativos - embora houvesse a captura de dados quantitativos - em ambientes diferenciados.

Resultados

O evento de interação social Festa do Padroeiro Nosso Senhor Bom Jesus ocorreu em quatro distintos cenários: a Capela, o Quiosque de bebidas, o Coreto de música e o Pavilhão de festas (Figura 1). Estes abrigam variadas práticas/atividades que foram desenvolvidas por uma série de atores, os quais desempenharam diferentes papéis no transcorrer do evento.

FIGURA 01 – Cenários do evento Festa do Padroeiro Bom Jesus:
Comunidade Quilombola de Santa Cruz - Ponta Grossa/PR



Org.: Os autores

A capela do ‘Senhor Bom Jesus’ integrante a paróquia Espírito Santo, coordenada pela igreja São Vendelino no bairro Colônia Dona Luiza, pertencente à diocese de Ponta Grossa, com mais de 70 anos de existência na comunidade foi o palco para os primeiros atores desenvolverem seus papéis e atividades. Este cenário foi ocupado no horário compreendido entre 8:30 a 11:30 horas, destacando-se nele 20 atores, sendo apenas cinco deles moradores da Comunidade Quilombola de Santa Cruz, os 15 restantes, eram ‘nós externos’, dos locais de origem: Núcleo Tabuleiro, Comunidade Quilombola do Sutil, bairro Cara-Cará e outros. No total desenvolveram quatro atividades/práticas neste cenário sendo elas: Ornamentação dos andores, Arrumação da capela, Execução da missa e Procissão. No desenvolvimento dessas surgiram oito papéis: Arrumadeiras, Ornamentadoras, Padre, Auxiliar do Padre, Ministra, Cantores, Leitores litúrgicos e Carregadores. Sendo que a maioria dos ‘nós executantes’ eram ‘nós externos’ estes segundo os moradores da comunidade ligam-se na maioria dos casos, por laços de vizinhança e amizade/afinidade.

No segundo cenário denominado Quiosque de bebidas destaca-se dois momentos em que o mesmo ganhou ênfase, o primeiro deu-se entre 8:00 a 9:00 horas numa fase de preparação, onde evidenciou-se duas atividades, a de descarregamento de bebidas e a de fiscalização de bebidas. A primeira deu-se por um ator externo, que exerceu o papel de descarregador, já a segunda atividade foi desenvolvida por duas atrizes internas, cujo papel foi o de fiscal. Contudo o segundo momento de ênfase deste cenário iniciou-se às 10:00 horas, estendendo-se até o final do evento, às 20:00 horas.

Durante todo este período apenas uma atividade foi realizada, isto é, a entrega de bebidas aos participantes, esta foi exercida pelo ator externo acima citado e por dois atores internos, ambos desenvolveram o papel de entregador. Sendo que estes dois últimos no dia anterior ainda haviam assumido o papel de jardineiro e cortado todo o gramado da área, além de providenciarem a lenha para assar o churrasco, efetivando o papel de lenhadores. Neste cenário a maioria dos atores ligam-se por laços de parentesco, apenas o ator externo liga-se aos moradores por uma causa em comum, não tendo nenhum laço de afinidade/amizade ou vizinhança.

O terceiro cenário evidenciado no evento foi o Pavilhão de festas. Este ambiente também foi cenário de atores, papéis e atividades em dois momentos. Ele divide-se em cinco sub-cenários: a Churrasqueira, a Cozinha, a Entrega de alimentos, o Caixa e o Refeitório. A churrasqueira abrigou a atividade de assar carne que se deu no horário entre 12:00 e 14:00 horas. Tal atividade trouxe a exclusividade de abrigar somente atores externos à comunidade provenientes do Núcleo Tabuleiro e do Faxinal dos Polacos, os quais cumpriram o papel de assadores ou churrasqueiros, cuidando do fogo e da carne, além da entrega do produto aos compradores. Um deles além de atuar no papel de assador no dia do evento, ainda encarregou-se do papel de comprar a carne na semana anterior, cuja procedência foi das cidades de Ponta Grossa e Guarapuava. Segundo relatos dos moradores quilombolas, a execução de ambas as atividades são fruto da predisposição dos vizinhos, sendo que esta anteriormente era exercida por seus pais. Estes atores evidenciam a ligação dos 'nós' das redes sociais por laços de vizinhança.

A Cozinha é o segundo sub-cenário do Pavilhão de festas, no qual destacou-se o papel de cozinheira na atividade de preparo dos alimentos, cuja realização se deu por duas atrizes que já se fizeram presentes anteriormente no cenário Capela, atuando na ornamentação dos andores. Ambas ligam-se a comunidade por laços de parentesco. No entanto duas outras atrizes se destacaram no papel de doadoras, elas doaram bolos para serem vendidos pela comunidade durante a festa, porém no dia do evento não desenvolveram nenhuma atividade. Uma vez que são provenientes do Núcleo Tabuleiro e Comunidade Quilombola do Sutil ligam-se aos 'nós internos' por laços de vizinhança e amizade.

Já no Sub-cenário Caixa o papel efetivado foi o de operadora de caixa, realizando a atividade/prática de vender fichas, tanto de bebidas, quanto de alimentos. Esta atividade foi executada por uma única atriz, que já havia sido citada no papel de fiscal na entrega das bebidas. No entanto, no dia do evento ela também exerceu o papel de motorista, transportando os produtos comprados até o local da festa. Ela liga-se aos 'nós internos' por laços de parentesco. Entre os sub-cenários Cozinha e Caixa, encontra-se o sub-cenário Entrega de alimentos. Neste ficaram os produtos a serem comprados pelos participantes. O papel de recolhedor das fichas e entregador dos produtos foi assumido por três atores, dois deles atores internos, sendo que um deles já exerceu outras três atividades, e por uma atriz externa proveniente do Núcleo Tabuleiro. Os dois primeiros ligam-se por laços de parentesco, e a última por laços de vizinhança e amizade.

Por fim, o último sub-cenário é o Refeitório, nele num momento anterior a festa, próximo às 9:00 horas duas das atrizes que ajudaram na ornamentação dos andores executaram o papel de arrumadeiras na atividade de organização das mesas que estavam alocadas neste ambiente, estendendo toalhas feitas de tecido descartável. Ambas ligam-se por laços de parentesco. Num segundo momento, próximo das 12:00 horas, o ambiente passou a ser ocupado pelos participantes, que foram organizando seus utensílios, como pratos, talheres, bandejas e condimentos trazidos de casa, pois a comunidade não dispõe destes. Assim, gradativamente os participantes foram realizando suas refeições. Ao passo que uns iam terminando, outros passavam a ocupar as mesas, e, assim, este ficou ocupado o restante da tarde. A grande maioria dos 'nós' aqui evidenciados eram de 'nós participantes', geralmente sem nenhum tipo de laço efetivo com os moradores da comunidade.

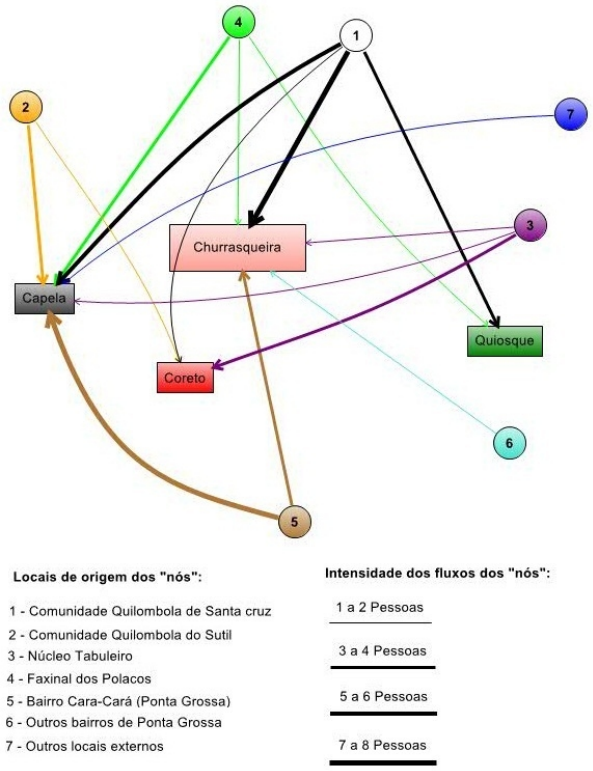
Após as 15:00 horas, um novo cenário sobressaiu, o Coreto de música. Este cenário abrigou três atividades: o Leilão, a Música e o Bingo. A primeira atividade iniciou-se às 15:00 horas, quando um ator assumiu como nos anos anteriores o papel de leiloeiro. Ele é morador da Comunidade Quilombola do Sutil, ligando-se, portanto, por laços de vizinhança. Para a prática do leilão foram arrecadados os seguintes produtos: saco de batatas, bolo recheado, bebidas alcoólicas e galinha viva. Esta prática foi intercalada com a atividade musical, onde os atores integrantes de uma "banda" passaram a ocupar o Coreto e desempenhar o papel de músicos até o final do evento. Tratou-se de três músicos, cada qual portando um instrumento, sendo estes: gaita, baixo e bateria. Eles executavam as atividades de cantar e tocar, indo do ritmo sertanejo ao funk. Nos últimos dois anos essa banda é contratada para animar o evento, ela é composta por músicos da Comunidade Quilombola do Sutil. Novamente os atores 'nós' das redes sociais ligam-se a comunidade por laços de vizinhança.

A terceira atividade que ocupou o cenário Coreto foi o bingo, que realizou-se a partir das 17:30

horas. Tal atividade teve como principal ator, um morador do bairro Cara-Cará na cidade de Ponta Grossa, também vizinho à comunidade, prevalecendo novamente os laços de vizinhança e amizade. Para o bingo teve-se como prêmio uma bicicleta doada por uma atriz interna, a qual liga-se aos moradores da comunidade por laços de parentesco.

Os ‘nós’ de redes são representados por atores ou agentes sociais. As redes sociais são ligadas por laços de parentesco, vizinhança ou amizade/afinidade. Tanto os ‘nós’ como os laços configuram e são configurados por espacialidades. Geralmente, os ‘nós’ internos, se estabelecem por laços de parentesco. Com relação aos ‘nós’ externos, a maioria destes ocorre por laços de vizinhança/afinidade. Portanto, as espacializações são fruto de um processo aberto, de conexão de fora para dentro e de dentro para fora, onde os ‘nós’ pertencentes a redes sociais externas à comunidade ligam-se aos ‘nós’ internos durante um evento de interação social na Comunidade de Santa Cruz (Figura 2).

FIGURA 2 – Espacialização dos ‘nós executantes’ das redes sociais na Festa do Padroeiro



Org.: Os autores

Pode-se observar que na execução de praticamente todas as atividades desempenhadas durante a festa houve a inter-relação entre ‘nós’ externos e internos. Apenas na atividade de assar carne houve a totalidade de ‘nós executantes’ externos atuando, portanto, sem inter-relação direta com ‘nós’ internos. Na maioria das atuações dos ‘nós executantes’ pode-se visualizá-los por uma espacialidade construída em mais de um cenário. Assim sendo, tem-se que os ‘nós’ componentes das redes sociais do Núcleo Tabuleiro construíram sua espacialidade no evento em torno do cenário Pavilhão de festas e Capela. Já os ‘nós’ da Comunidade Quilombola do Sutil tiveram sua espacialidade evidenciada em três cenários: Capela, Pavilhão de festas e Coreto de música. Embora ambos tenham se aproximado na variedade de atividades e papéis desenvolvidos, os ‘nós executantes’ provenientes do Núcleo Tabuleiro estavam em maior número.

Os ‘nós executantes’ do bairro Cara-Cará efetivaram sua espacialidade nos cenários Capela e Coreto de música, através da atuação em três distintas atividades. Todavia, a espacialidade dos ‘nós’ de outros bairros da cidade de Ponta Grossa também se deu no cenário Capela, acrescentando-se os cenários Pavilhão de festas e Quiosque de bebidas, tendo, portanto, uma maior atuação e uma diversidade maior de papéis e atividades.

A espacialidade dos ‘nós executantes’ internos se deu em todos os cenários, no entanto, a quantidade de ‘nós’ não foi tão significativa, mas sim o número de papéis e atividades desenvolvidas pelos mesmos. Quase todos atuaram em mais de um cenário em distintas atividades, algumas

desempenhadas num momento antes da chegada dos participantes do evento. Contudo, o número de 'nós executantes' internos não supera a quantidade destes provenientes do Núcleo Tabuleiro.

Conclusões

A espacialidade das redes sociais no evento de interação social na Comunidade Quilombola de Santa Cruz se deu em duas perspectivas, a primeira ligada às distintas atividades/práticas realizadas pelos diferentes indivíduos/atores nos cenários que compuseram o encontro/evento social e a segunda ligada aos indivíduos/nós participantes. Dessa forma pode-se tomar o evento a Festa do Padroeiro do Nosso Senhor Bom Jesus, realizado todos os anos no mês de agosto, como um tipo de interação com certa continuidade ou estruturação, caracterizando-se como um evento no qual diferentes linhas de ação são tomadas como padrão para a melhor forma de agir. Nele na grande maioria dos casos os 'nós' internos, se estabeleceram por laços de parentesco. E com relação aos 'nós' externos, geralmente ocorreu a ligação por laços de vizinhança/afinidade. Portanto, as espacializações são fruto de um processo aberto, de conexão de fora para dentro e de dentro para fora, onde os 'nós' pertencentes a redes sociais externas à comunidade ligam-se aos 'nós' internos durante um evento de interação social na Comunidade de Santa Cruz.

Pode-se observar que na execução de praticamente todas as atividades desempenhadas durante a festa houve a inter-relação entre 'nós' externos e internos. Apenas uma das atividades foi executada exclusivamente 'por atores externos'. Na maioria das atuações dos 'nós executantes' pode-se visualizá-los por uma espacialidade construída em mais de um cenário. Neste destaca-se o local de origem Núcleo Tabuleiro com o maior número de participantes, no entanto quando se apreende o número de atividades e papéis desenvolvidos os 'nós' deste se igualam aos da Comunidade Quilombola do Sutil, que estava em menor número.

Todavia se visualizarmos a atuação dos 'nós internos' estes apesar do número menor de participantes que o Núcleo Tabuleiro, destacam-se na quantidade de papéis, atividades executadas, pois os mesmos fizeram-se presentes em todos os cenários realizando mais de um papel em diferentes temporalidades. Quando se apreende apenas os 'nós participantes' do evento "Festa do Padroeiro Bom Jesus", sendo eles internos ou externos, se tem outra espacialização dos fluxos das redes sociais. Há uma maior inclusão de 'nós' externos provenientes de uma gama mais diversificada de locais, permitindo que essa espacialidade de 'nós' externos aos internos seja constituída ainda mais pela multiplicidade e pluralidade das inter-relações. Esta espacialidade permitiu a identificação de novos três locais de origem dos nós, tratando-se da Colônia Santa Cruz 2, Vila Rural de Guaragi e Colônia do Lago, que ligam-se por laços de vizinhança. Além da inclusão da categoria desconhecido e a evidencia da maior dos nós vindo da Comunidade Quilombola do Sutil, realidade esta que justifica-se não somente por laços de vizinhança ou afinidade/amizade, mas também por laços de parentesco o que os torna participantes assíduos deste evento de interação social e de outros.

Dessa forma, Santa Cruz pode ser entendida como um palco onde ocorrem diferentes práticas/atividades sociais realizadas por diferentes 'nós' da rede, destacando a heterogeneidade humana. Estes são os atores, os sujeitos protagonistas da ação em um processo de interação social, que possibilitam a visualização da espacialidade das redes sociais na comunidade.

Referências

ABA – Associação Brasileira de Antropologia. Boletim do grupo de trabalho sobre as comunidades Negras Rurais. **Boletim Informativo NUER**, n.1, 1994.

ARRUTI, J. M. **Mocambo:** Antropologia e História do processo de formação quilombola. Bauru/São Paulo: Edusc, 2006. 370 p.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Tradução de: The interpretation of cultores. Rio de Janeiro: LTC, 1.ed. 2008, 323 p.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: Natureza da Realidade Geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Ritual de Interação**: Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

WELLER, W. A hermenêutica como método empírico de investigação. In: **Anais da 30ª Reunião Anual da ANPEd 2007**, Caxambu. 30ª Reunião Anual da ANPEd, 2007. p. 1-16.